

Mario de França Miranda

Um cristianismo sinodal em construção

A fé cristã na atual sociedade



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Miranda, Mario de França
Um cristianismo sinodal em construção : a fê cristã na atual sociedade/
Mario de França Miranda. – São Paulo : Paulinas, 2022.
120 p. (Coleção Recepção)
ISBN 978-65-5808-187-6
1. Cristianismo e sociedade 2. Igreja católica 3. Missão da Igreja
I. Título II. Série
22-6115 CDD 230

Índice para catálogo sistemático:

1. Cristianismo

1ª edição – 2022

Direção-geral: *Ágda França*

Editores responsáveis: *Vera Ivanise Bombonato*

João Décio Passos

Copidesque: *Mônica Elaine G. S. da Costa*

Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*

Revisão: *Sandra Sinzato*

Gerente de produção: *Felício Calegaro Neto*

Capa e projeto gráfico: *Tiago Filu*

Imagem de capa: *@stoyanh/depositphotos.com*

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62

04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)

Tel.: (11) 2125-3500

<http://www.paulinas.com.br> – editora@paulinas.com.br

Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2022

SUMÁRIO

Introdução	7
1. A crise atual	13
2. Diretrizes teológicas para um cristianismo futuro	45
3. Sentido e missão do cristianismo hoje.....	65
4. Um cristianismo em construção.....	89
Epílogo: Traços marcantes de um cristianismo sinodal futuro.....	115

INTRODUÇÃO

O livro que o leitor tem em mãos nada possui de futurologia, mas apenas pretende apontar algumas características que darão nova fisionomia ao cristianismo nos anos vindouros. Como toda realidade inserida no interior da história, também o cristianismo inevitavelmente apresenta transformações, como, aliás, nos comprova seu passado. Essas últimas não ameaçam sua *identidade*, que tem origem em Deus e foi revelada na pessoa de Jesus Cristo, mas dizem respeito às *configurações plurais* que podem apresentar essa mesma identidade no curso dos séculos. Sabemos que a comunidade de fiéis se define pela fé em Deus Pai, revelado por seu Filho Jesus e acolhido por força do Espírito Santo, por professar essa fé salvífica nos credos, por celebrá-la nos sacramentos e por esperar a felicidade plena como desenlace de uma vida marcada pela caridade fraterna.

Entretanto, essas verdades essenciais, constitutivas da fé cristã, serão expressas, confessadas e vividas por homens e mulheres habitando contextos vitais e socioculturais próprios, distintos conforme as regiões ou épocas em questão. Só assim tais verdades poderão ser entendidas e acolhidas pela humanidade ao longo de sua história. Esta afirmação é decisiva, pois a *finalidade do cristianismo* é levar adiante a missão de Jesus Cristo, a saber, proclamar e realizar o Reino de Deus, meta que deve ser acessível e pode ser vivida por todas as gerações. Consequentemente, já podemos esperar que o cristianismo, enquanto realidade social e histórica, bem como expressão visível e institucional da iniciativa salvífica de Deus (Povo de Deus), possa experimentar transformações no curso dos anos, transformando-se para prosseguir em sua missão ao longo da história.

Existe, contudo, outra razão para essa evolução do cristianismo, pois o ser humano sempre conhece a realidade por meio de um *horizonte próprio de compreensão*, ou simplesmente de uma chave de leitura. Daí se explica tanto a diversidade plural das ciências quanto a evolução que experimentam em si mesmas ao longo do tempo. A adesão à fé cristã não constitui exceção a essa regra. Também ela sempre se debruça sobre as verdades reveladas a partir de uma perspectiva determinada, própria daquele espaço e daquele tempo. Naturalmente não existe uma perspectiva universal para seres humanos, porque estes sempre vivem em uma época histórica própria e limitada.

Desse modo, as verdades reveladas serão sempre *entendidas, expressas e vividas* inevitavelmente condicionadas por seus respectivos horizontes de compreensão. Daí termos novas compreensões, novos *insights*, novas dimensões, novos significados, novas práticas, novas organizações e novas instituições surgidas ao longo dos séculos no próprio cristianismo.

Portanto, o cristianismo, uma vez que significa a encarnação da fé cristã na história da humanidade, deve acompanhar as vicissitudes e as mudanças da própria história ou, com outras palavras, é uma realidade sempre em processo de transformação, sem que a possamos fixar em determinada modalidade histórica. Cada geração de cristãos, ao viver sua fé em seu respectivo contexto sociocultural, contribui para que essa mesma fé cristã seja acessível e significativa para seus contemporâneos.

Outra diretriz importante, presente ao longo das páginas seguintes, diz respeito à pessoa de Jesus Cristo acessível nos Evangelhos. Reconhecendo o valor da grande tradição cristã, que muito contribuiu para uma maior compreensão da fé cristã e da qual somos herdeiros, teremos, entretanto, na *vida de Jesus*, palavras e ações, o critério orientador e normativo desta nossa reflexão sobre o cristianismo vindouro.

Sem dúvida nenhuma, todos experimentamos hoje transformações abrangentes, rápidas e sucessivas, que caracterizam sem mais uma ampla e verdadeira mudança de época, a qual atinge todos os setores e instituições da

sociedade, introduz novas linguagens, abre novos horizontes, provoca inédita consciência planetária, questiona constantes tradicionais, relativiza tempo e espaço pela recente cultura virtual, desmascara as desigualdades sociais, torna-nos temerosos do futuro do planeta, derruba padrões de comportamento e lança-nos desafios que não dominamos, fazendo-nos viver instabilidade e insegurança inéditas.

É uma sociedade secularizada enquanto prescinde de Deus e se mostra indiferente à questão fundamental do sentido da vida. Dominada pela pressão da economia neoliberal e, conseqüentemente, promotora do individualismo cultural, ela não mais apresenta referências substantivas que fomentem um humanismo autêntico, caracterizado pela justiça, pela partilha, pela fraternidade, pela responsabilidade coletiva, pelo respeito à liberdade. É a esta sociedade que deve ser anunciada a mensagem cristã.

Sociedade tradicional, sociedade moderna, sociedade pós-moderna, sociedade secularizada, sociedade cibernética se sucedem, sem antes assumir ou rechaçar componentes das precedentes. Assim também um cristianismo primitivo, patrístico, medieval, renascentista, moderno, ecumênico, inter-religioso, atento ao futuro da humanidade como defensor da ecologia planetária e da fraternidade universal.

Observemos, entretanto, que as mudanças no cristianismo não acontecem na *velocidade* que desejamos.

Há muitos fatores em jogo, não apenas de ordem doutrinal ou ética como também provindos da diversidade dos cristãos no que diz respeito à mentalidade, cultura, idade, modalidades de vida, que devem ser respeitadas por terem sido realmente vividas pelas gerações passadas. Importante é que tais mudanças aconteçam no respeito mútuo, pois são expressões e práticas da mesma fé cristã.

A atual crise do cristianismo, fortemente sentida nos países do hemisfério norte do planeta, tem provocado muitos pronunciamentos e publicações que também nos inspiraram, embora a situação presente na América Latina ainda não seja tão dramática. Todavia, não podemos negar o processo crescente da secularização entre nós.

O presente texto busca sempre uma linguagem clara e acessível a qualquer público. Renuncia, de antemão, a um tratamento mais sistemático e acadêmico, pois sua finalidade é explicar um pouco as mudanças em curso, as tensões que provoca, as iniciativas inovadoras e, sobretudo, a ação decisiva do Espírito Santo. Estamos cientes das lacunas ao tratar tema tão vasto, bem como de algumas repetições.

Ainda uma última palavra. Hesitamos muito em intitular este texto: trata-se do cristianismo ou da Igreja? Preferimos cristianismo por ser um termo mais amplo, já que muitas questões atingem também as Igrejas nascidas da Reforma, embora frequentemente ao longo das páginas seja a Igreja Católica que vem subentendida.

O adjetivo “sinodal” nos levará a reencontrar as comunidades cristãs do início do cristianismo: simples, missionárias, participativas, confiantes na força de Deus, mais do que no prestígio e no poder dos homens. Talvez haja perda quantitativa, mas certamente ganho qualitativo, que melhor permita ao cristianismo ser “sal da terra” e “luz do mundo”.

1. A CRISE ATUAL

A fé cristã se dirige ao Deus de Jesus Cristo e, portanto, tem no Mestre de Nazaré uma referência imprescindível: alguém é cristão por crer no Deus de Jesus e por acolher a vida e as palavras de Jesus como o sentido último de sua existência. Porém, esta afirmação, que constitui o núcleo da fé cristã, deve ser necessariamente expressa em linguagem adequada para ser entendida e vivida; em uma palavra, para ser realmente significativa e pertinente para o ser humano.



A história da humanidade apresenta grande variedade e multiplicidade de linguagens, culturas, costumes e práticas sociais ao longo dos séculos. Permanece, portanto, uma séria e decisiva tarefa para os seguidores de Jesus Cristo: expressar sua fé em linguagem acessível a

cada época, pois só assim outras gerações poderão conhecê-la e vivê-la. E, de fato, a história do cristianismo nos apresenta uma sucessão de expressões e de práticas diversas, conforme cada época com seu respectivo contexto sociocultural. A fé cristã é sempre a mesma, mas não a linguagem que a expressa e as práticas que a fazem surgir, sempre em vista de sua irradiação. Ninguém se compromete com o que desconhece.



Conhecemos a Igreja como a *comunidade dos fiéis* que creem em Jesus Cristo pela ação do Espírito Santo, que ouvem a pregação do Evangelho como Palavra de Deus, que celebram sua fé nos sacramentos, sobretudo no Batismo e na Eucaristia, que esperam uma vida eterna em Deus e procuram, nesta vida, viver o amor fraterno. Também ela, para ser conhecida como tal, deve ser uma realidade acessível às diversas gerações humanas, não só pelo anúncio salvífico de Jesus Cristo e pela oferta dos sacramentos, como também por sua organização institucional condizente com cada período histórico.



Em outras palavras, a comunidade cristã não cai pronta e acabada do céu. Ela passa por transformações para cumprir sua finalidade, a saber, levar à humanidade, ao longo da história, a salvação de Jesus Cristo.

Nessas transformações, dois fatores atuam decisivamente. O primeiro deles já foi mencionado: consiste no *contexto sociocultural* de cada época que, como já afirmamos, implica não só a linguagem condizente como também a organização social adequada àquele contexto.



O segundo fator consiste na compreensão que a própria Igreja tem de si mesma, pois a história nos apresenta diversas e sucessivas *eclesiologias*, conforme as interpretações teológicas dos dados da fé, os desafios enfrentados pela própria Igreja, o vocabulário disponível no tempo, a situação sociopolítica da época, sem deixar de mencionar a ação contínua do Espírito Santo, para que ela seja fiel à sua missão.



Consequentemente, expressões e instituições, necessárias ou convenientes no passado, podem se tornar ininteligíveis e até obstáculos para a fé em outro contexto sociocultural e histórico. Neste caso se impõe um adequado conhecimento do mundo ao qual é anunciado o Evangelho de Jesus Cristo, com suas linguagens, práticas sociais, desafios presentes, esperanças e sonhos. Só a partir desse quadro referencial e em seu interior, a mensagem cristã poderá ser realmente *pertinente e significativa* para cada geração.



Quando se fala do desaparecimento de Deus na atual sociedade, tenhamos em conta que o problema não está em Deus, mas sim em sua *representação tradicional* rejeitada por muitos. O Deus distante e inalcançável do deísmo, o Deus exigente e punidor da moral e da lei, o Deus onipotente, mas que não age, o Deus responsável pelos males que afligem a humanidade são representações de Deus que hoje corretamente devemos rejeitar, mas que, infelizmente, afastam muitos da fé cristã.



Além disso, a inadequação entre a linguagem eclesial e a sociedade atual também pode ser encontrada nas exposições doutrinárias, nas celebrações sacramentais e nas práticas pastorais. A presença de termos antiquados, com teologias e problemáticas já ultrapassadas, mais oculta e desvirtua a mensagem cristã do que propriamente a anuncia. Certas práticas pastorais fecundas no passado podem constituir obstáculos no presente. O que deveria ser mediação se torna empecilho.



Aqui reside a *raiz da crise atual* do cristianismo no mundo ocidental, que progressivamente repercute em todo o planeta. Atualmente vivemos transformações tão

amplas e profundas, não mais caracterizadas como época de mudanças, e sim mais radicalmente como mudança de época. Não só a Igreja sente o desafio como também as demais instituições da sociedade, como a família, a universidade, a estrutura sociopolítica (democracia representativa), o convívio social (polarizações e intolerâncias), a nefasta hegemonia do fator econômico com crescentes desigualdades sociais, a degradação da natureza com o conseqüente desequilíbrio ecológico, a chegada da cultura cibernética, para citar alguns fatores que caracterizam a virada cultural em curso.



Atualmente no mundo ocidental, a sociedade se apresenta como *secularizada*, a saber, não mais envolvida e condicionada pelo fator religioso. Essa realidade afeta o próprio cristianismo profundamente, já que assim desaparece o horizonte cristão de conhecimento que permitia à fé cristã ser compreendida e acolhida. Muitos já não mais dispõem da chave de leitura para entender expressões e símbolos cristãos, que lhes significam muito pouco. Algumas expressões e imagens provindas do Evangelho pouco ou nada significam na atual sociedade.



Isso porque todo conhecimento humano sempre acontece no interior de um horizonte de compreensão, já

que a realidade só se dá a conhecer ao responder às questões formuladas do interior desse quadro de interpretação (*mindset*). Daí as diferentes ciências resultantes das diversas abordagens da realidade. O olhar do físico diante da realidade certamente difere do olhar do psicólogo ou do sociólogo. Só no interior desse quadro referencial, que desempenha o importante papel de *meio* para o conhecimento, é que a realidade se faz conhecer.



A sociedade pluralista é aquela que apresenta uma multiplicidade de chaves de leitura da realidade, deslocando a compreensão cristã, outrora hegemônica, para apenas um setor da mesma, liberando os demais setores da tutela religiosa. E não só, pois dificulta consideravelmente que a mensagem cristã seja captada, entendida e menos ainda acolhida nesses setores, já que estranha a seus respectivos horizontes de compreensão. Aqui já aparece a urgente necessidade de uma linguagem cristã que possa ser compreendida por *todos* na atual sociedade.



Querer descartar de antemão a leitura cristã da realidade como arcaica e desprovida de legitimidade revela uma atitude arbitrária e sem fundamento, pois tal juízo acontece no interior de *outra chave de leitura* que,

igualmente como a cristã, é apenas uma das múltiplas perspectivas de leituras do real, válida em seu âmbito do conhecimento e inepta para proferir juízos sobre as demais, no caso sobre a visão cristã do mundo.



Infelizmente domina em nossos dias uma *compreensão redutiva* do que seja ciência, pois esta se limita ao que pode ser objeto de experiência, ao que possa ser verificado ou quantificado, conforme o modelo das ciências físico-matemáticas. Porém, a razão humana que por *tudo* indaga é mais ampla do que as “racionalidades” das ciências emergentes na história mais recente da humanidade.



Por outro lado, em uma época caracterizada por mudanças sucessivas e bastante rápidas, marcada pela instabilidade, pela insegurança e até pela angústia, a religião é vista por muitos como uma referência sólida e imutável à qual procuram se agarrar. Daí se explica, ao menos em parte, sua resistência a qualquer mudança no âmbito religioso. Esquecem, entretanto, que a atual configuração do cristianismo foi ignorada por muitas gerações de cristãos, já que só se originou bem posteriormente no decorrer da história. Daí apresentar inevitavelmente características da época em que nasceu, as quais, com o passar dos anos,

se tornaram arcaicas e obsoletas devido à transformação do cenário sociocultural.



No primeiro milênio do cristianismo se aceitava sem mais a diversidade nas expressões doutrinárias, nas celebrações sacramentais, nas reflexões teológicas, nas ações pastorais, já que não se confundia *unidade* da Igreja com uniformidade eclesial, como, infelizmente, aconteceu no segundo milênio e constitui certamente outro fator de resistência às mudanças exigidas hoje.



Olhando retrospectivamente para a história, constatamos que a fé cristã apresentou configurações diversas no que conhecemos como cristianismo. Seja por buscar expressões e práticas condizentes com seu tempo, seja por ter que se defender de ameaças internas e externas, a fé cristã se enriquecerá no trato com as ideias em voga no respectivo tempo, como nos demonstra a herança que nos legaram os Santos Padres da Igreja ou as sistematizações doutrinárias da Idade Média. Naturalmente também não deixará de ser afetada por tais ideias com consequências negativas. Vejamos algumas delas que podem explicar os impasses que hoje vivemos.



A fé cristã que confessa a ação salvífica de Deus nos seres humanos deve se manifestar visivelmente para que a iniciativa divina seja conhecida e conseqüentemente acolhida. Aqui se situa o sentido da pregação da Palavra de Deus, das celebrações sacramentais ou não e da própria comunidade de cristãos com suas normas morais e jurídicas. É o que conhecemos como a *sacramentalidade* (manifestação, sinalização) da fé cristã, de enorme importância para a transmissão da fé às gerações posteriores.



Tal sacramentalidade não tem, entretanto, razão de ser em si mesma, pois todo seu sentido é visivelmente *apontar para* realidades invisíveis, ou seja, deve ser ultrapassada pelas próprias realidades que assinala. O grande perigo aqui reside em permanecermos no sinal, de fácil acesso e controle, considerando-o meta da ação missionária da Igreja.



Então, a pastoral da Igreja enfatizará a recepção dos sacramentos, deixando em segundo plano o seguimento real de Cristo, a fé vivida e não apenas professada, a fidelidade à ação do Espírito Santo e não apenas às normas eclesiais. Quando alguém aponta o dedo para a lua, não é para admirarmos seu dedo, e sim para olharmos a lua. O sinal aí está para remeter para além de si. Ele é *meio* e não fim.



Embora resulte de outros fatores, como veremos, a funesta consequência dessa tendência pastoral é a *separação entre fé e vida*, entre o que se confessa e o que se vive de fato. Recebemos sacramentos, mas, em geral, não nos perguntamos por seu *efeito real* em nossa vida. Quem comunga na missa experimenta realmente um encontro pessoal com Cristo, um apelo para segui-lo melhor, um crescimento na fé, na esperança e na caridade?



Sem negarmos que pregações, confissões de fé, sacramentos e a comunidade eclesial sejam importantes para nossa vida cristã, não deveríamos insistir mais em seguirmos realmente a Cristo, assumirmos sua vida, passarmos pelo que ele passou, como Paulo o expressa tão bem (Fl 3,10s)?



Outro fator que provocou a separação entre fé e vida foi o fato de o cristianismo ter sido promovido à *religião oficial* do Império Romano. Este fato determinou não só o fim de uma vida perseguida e continuamente sob a ameaça de martírio como também provocou a entrada em massa de muitos na Igreja pelas vantagens que obteriam. O cristianismo cresceu em número

e perdeu em qualidade, pois muitos contradiziam na vida a fé que professavam.



Isso porque o cristianismo passou a desempenhar a função de fator de *unificação política*, primeiramente do Império Romano e posteriormente da Europa; daí a hostilidade aos não cristãos, fossem eles judeus ou mulçumanos. Consequentemente, quem nascia na Europa era sem mais batizado e considerado cristão, embora muitos não pautassem sua existência cotidiana pela mensagem evangélica. Não havia mais uma distinção entre a identidade civil e a religiosa, sendo que a própria comunidade dos fiéis desaparecia na sociedade, a tal ponto que o termo “Igreja” passou a designar apenas a sua hierarquia, deformação essa que persiste em muitos dos nossos contemporâneos, como já mencionamos.



Outros fatores de cunho histórico irão enfraquecer a exigência de uma fé cristã realmente vivida. A começar pelas heresias que exigirão desenvolvimentos *teóricos* da mensagem cristã, ao refutar interpretações falsas da mensagem evangélica. O recurso às filosofias do tempo oferecerá fundamentos teóricos adequados de cunho neoplatônico ou aristotélico, mas deixará em segundo plano

a vivência cotidiana da fé, embora seja sempre mencionada pelos grandes pastores da época.



Também a organização institucional do cristianismo irá exigir, cada vez mais, o recurso a *categorias jurídicas*, devido à crescente propagação da fé e à criação de novas dioceses seguindo o modelo das províncias do Império Romano. Essa mentalidade jurídica do cristianismo como instituição social irá se desenvolver ainda mais quando a Igreja aparecer como um poder na sociedade e enfrentar o poder civil, sem falar da vasta população cristã espalhada pelo planeta, o que exigirá um amplo sistema canônico que garanta a unidade e a identidade das comunidades cristãs. Esse fator pesará sobremaneira na escolha dos novos bispos, sendo que nem sempre a coerência de vida cristã dos candidatos foi devidamente reconhecida e valorizada.



Por outro lado, por ter desempenhado o papel de educador dos assim chamados “povos bárbaros”, o cristianismo atuou como *disciplinador* dos costumes trazidos pelos mesmos. Desse modo, como já acontecera no judaísmo, haverá uma sacralização das normas sociais, dando-lhes um fundamento religioso. Seu ensinamento moral irá introduzir noções não bíblicas, mas provindas da filosofia

grega, como a noção de “virtude”, que influenciará a vivência cristã, concebendo-a como um aperfeiçoar-se individual inspirado no estoicismo. Também haverá uma ênfase exagerada na noção de pecado e na ameaça do inferno, ocasionando a chamada “pastoral do medo”, com a finalidade de motivar conversões e confissões.



Consequentemente, emerge a *imagem* de um Deus exigente e punitivo que mais desperta temor do que amor e que não corresponde ao Deus misericordioso revelado por Jesus Cristo. Igualmente não se faz jus à necessária ação do *Espírito Santo* na vida cristã, tal como aparece no Novo Testamento, e nem mesmo à repercussão existencial dessa ação, mais conhecida como a dimensão mística da fé.



O anúncio do Reino de Deus é uma mensagem de vida, de esperança, de alegria, uma boa notícia para o ser humano. Mas a insistência no *pecado* e no castigo subsequente fez do cristianismo uma religião moralista, punitiva e pessimista, que não corresponde à intenção de Jesus Cristo manifestada em suas palavras e ações.



Também ao emitir normas morais, as autoridades eclesiais não consideravam os *condicionamentos* de cunho social, cultural e psicológico, presentes em todo ser humano, fatores que ajudavam ou dificultavam uma vida cristã coerente, prévios a um juízo moral, tais como aprendemos das ciências em nossos dias. Consequentemente, a existência cristã constitui um *longo processo* de integração de toda a realidade humana, em vista de fazê-la viver realmente a caridade cristã, sendo que nem sempre o que não se alcança em cada etapa possa ser considerado pecado sem mais. Importante é o caminhar sempre.



Outro fator responsável por uma deficiência na missão evangelizadora do cristianismo está na ênfase dada às *expressões* da identidade cristã, com prejuízo dessa mesma identidade. Naturalmente a existência cristã define e conserva sua identidade através do que Santo Tomás chamava de “sinais da fé”, a saber, a doutrina, o culto e a própria comunidade de fiéis. São sinais, são meios, não fins em si. Sua função é despertar, motivar e fortalecer a vivência da fé por parte do cristão.



Entretanto, por se tratar de realidades visíveis, bem definidas, sujeitas a controle, a missão pastoral do cristianismo se concentrou muito nessas expressões da fé,

desenvolvendo a chamada “pastoral sacramentalista”, nem sempre acompanhada por uma correspondente formação doutrinal e, menos ainda, por uma vida coerente com o Evangelho. Desse modo, muitos buscam sacramentos nas paróquias, vendo-as principalmente como fornecedoras de sacramentos, sem que os mesmos os conduzam a uma vida cristã mais autêntica.



As confissões da fé (credos) apresentam uma *linguagem do passado*, não mais entendida em nossos dias, refutando heresias daquele tempo e que nossos contemporâneos desconhecem. A riqueza oferecida pelos estudos neotestamentários não é devidamente aproveitada para expressar a fé cristã em linguagem mais simples e acessível. Impõe-se, portanto, uma volta aos textos do Novo Testamento para se falar da Santíssima Trindade, de Jesus Cristo, da ação do Espírito Santo, do Batismo e da Eucaristia, da comunidade eclesial, da vida eterna.



A comunidade dos fiéis, como sacramento visível do projeto salvífico (invisível) de Deus, deve primeiramente ser uma autêntica *comunidade*, e não uma coletividade, como se constata nas grandes paróquias urbanas. Deve constituir-se em comunidades menores, onde seus membros se conheçam, possam expor confiantemente como

vivem sua fé cristã, fortaleçam-na pelas palavras e pelos testemunhos de vida de outros cristãos, adquiram um maior conhecimento dos textos bíblicos e empreendam ações em favor dos mais pobres e excluídos, em meio a uma sociedade dominada pelo individualismo e pela diferença social.



Naturalmente, a comunidade dos fiéis só será realmente assim se todos os seus membros, também os fiéis leigos e leigas, sejam devidamente reconhecidos, possam *participar ativamente* da vida da comunidade e colaborar não somente no múnus do ensino e do culto como também, de certo modo, no próprio governo da comunidade, com participação tanto consultiva quanto deliberativa. Afinal, todos constituem a Igreja.



Outro ponto que deve ser corrigido diz respeito ao *dualismo do sagrado e do profano*. Nascido das controvérsias medievais sobre a gratuidade da salvação (graça de Deus), que ocasionaram a *hipótese* de um mundo criado sem a graça de Deus, para deixar claro que esta lhe fora concedida posteriormente como realidade totalmente gratuita. Infelizmente, o que era mera *hipótese* acabou sendo entendida como realidade: ao mundo privado da graça de Deus se acrescentou a mesma, como um segundo

andar de uma casa. Desse modo, a realidade experimentada, pensada, vivida e transformada pelo ser humano constituía apenas o que se conhecia como mundo profano.



Consequentemente, o contexto vital onde decorria a existência do ser humano, na família, na vida profissional, nas relações sociais, nos momentos de descanso ou de lazer, é imaginado como carente da graça de Deus e pouco influía em sua salvação eterna. Era necessário que o ser humano recorresse ao setor do *sagrado*, onde encontrava a graça de Deus, sem a qual dita salvação seria impossível.



O reduto do sagrado se situava no interior da Igreja, ou mais amplamente no setor “religioso”: pregação da Palavra de Deus, recepção dos sacramentos, adesão a práticas e devoções espirituais, peregrinações etc. O que não tivesse esse rótulo religioso, mesmo consistindo de ações boas e louváveis, não passava de mera filantropia, carente de valor salvífico.



Em uma época de cristandade, quando a fé cristã se encontrava presente e atuante na vida social, as

consequências desse dualismo foram menos sentidas, mas, com o advento da sociedade moderna, pluralista, secularizada, esse dualismo causou e ainda causa danos lamentáveis ao próprio cristianismo. Isso porque ocasionou que o mundo profissional, cultural, científico, político, artístico se compreenda *autonomamente*, prescindindo da fé cristã e da própria graça de Deus, então limitada ao setor religioso da vida cotidiana.



A manutenção de práticas religiosas tradicionais, que nem sempre eram acompanhadas por uma vida cristã coerente com as mesmas, irá provocar a funesta *separação entre fé e vida*. As verdades cristãs são invocadas e confessadas, mas pouco vividas por muitos cristãos, embora o imaginário da sociedade se apresentasse fortemente marcado pela mensagem cristã. Mas essa estrutura de plausibilidade para a fé cristã vai aos poucos desaparecendo com o advento da sociedade pluralista e secularizada, como hoje podemos constatar, sobretudo, nos ambientes urbanos.



Na época da *cristandade*, a saber, quando a fé cristã era hegemônica na vida da sociedade ocidental, ser cidadão equivalia a ser cristão, já que as crianças eram logo batizadas. O substrato cristão fornecia um fundamento

comum aos países europeus. Como os membros da Igreja se identificavam com os membros na sociedade, a fé cristã constituía então um *dado cultural* de todos. A Igreja, como tal, começa a ser vista como uma instituição limitada a padres e bispos, fato que subsiste até nossos dias sempre que surgem críticas à Igreja, já que seus fautores não se consideram também Igreja.



Como nessa época o clero dispunha de melhor formação, a grande maioria de leigos e de leigas na Igreja era desconsiderada, sem direito a uma participação ativa em sua missão e em seu governo. Daí nasceu a consciência de certa *superioridade* da classe clerical, detentora do saber e do poder na comunidade, amparada por uma legislação correspondente, embora já corrigida em parte pelo Concílio Vaticano II.



Os diferentes carismas, com as correspondentes funções na comunidade eclesial, se tornaram possessão *exclusiva* do clero, que se traduz em um poder sacro e em uma casta clerical que contrariam formalmente a ordem do próprio Cristo: “Não deve ser assim entre vós” (Mt 20,26). Hoje conhecemos bem os abusos e os escândalos resultantes dessa mentalidade, que tanto deformam a própria Igreja e enfraquecem sua irradiação evangelizadora.